

Temporalidade e identidade. O jogo do bicho no Rio de Pereira Passos



*José Luiz Villar Mella**

* Doutor em História Social e das Idéias pela Universidade de Brasília. E-mail: zvillar@globo.com.



Fotos: Augusto Malta
Marinheiros com prostitutas - Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Resumo – As reformas implementadas por Pereira Passos expressaram o confronto entre a imposição de um projeto único e a atuação de uma multiplicidade de agentes modeladores do espaço urbano que incluía o jogo do bicho, sua difusão espacial e geopolítica. O projeto único da elite republicana baseava-se na busca da consolidação de uma identidade européia, progressista, para a cidade do Rio de Janeiro, que passaria a ser o espaço da ordem e do tempo cronológico. Portanto, identidade e temporalidade estabelecem e mantêm uma relação que transcende a abordagem física das reformas urbano-paisagísticas.

Palavras-chave: Pereira Passos; Rio de Janeiro; reforma urbana; jogo do bicho; controle social.

A reforma urbana do período Pereira Passos tornou materialmente explícito o confronto entre diferentes vivências de temporalidade. Podemos observar tanto a manifestação espacial do tempo cronológico, a expressão de uma ordem apolínea, quanto à multiplicidade de experiências e estratégias de sobrevivência que se forjaram na relação entre o cidadão, com suas singularidades, e o espaço urbano.

No cenário das reformas, temos de considerar a presença e a importância do ideário positivista, baseado no lema: “Saber para prever, prever para prover”,¹ que desde os primórdios da República influenciou e orientou o pensamento jurídico policial.

Assim, sobretudo para a elite republicana, era necessário moralizar e normatizar a cidade conferindo-lhe uma nova identidade. Mesmo que esta fosse construída de forma drástica e autoritária, como se observou na campanha sanitarista e na sucessão de demolições que marcaram o início da reforma urbana de Pereira Passos. A repressão ao jogo do bicho e a destruição dos quiosques, guardadas as devidas proporções, inserem-se nesse processo de criação de um espaço cartesiano, racional e previsível, um espaço que obedecesse a linearidade de um tempo cronológico.

Quando tratamos da repressão como confronto de diferentes vivências do tempo estamos, portanto, diante da relação entre diferentes formas de inserção socioeconômica. Por um lado, uma elite que se apresenta como “mundo da ciência”, mundo da ordem, ou núcleo civilizado da sociedade e, por outro, segmentos populares que se manifestam como “mundo da vida”.²

As ações e intenções dos agentes da ordem expressaram-se por meio do aumento e do aperfeiçoamento dos mecanismos e instrumentos de controle social, fundamentados,

sobretudo, numa racionalidade sanitizadora que se aplicava tanto ao combate de doenças físicas quanto à repressão a possíveis “desvios”, ou “doenças morais”.

A elaboração e a divulgação de manuais de instruções, tais como o *Processo das contravenções de jogo: instruções práticas organizadas na administração do Dr. Aurelino Leal*, representaram a tentativa de ordenar, prever, antever a forma como o jogo seria encontrado. Mas, a diversidade de modalidades de manifestações do jogo do bicho superava qualquer tentativa de previsão, o que indica uma complexidade da realidade do “mundo da vida”.

Como um indicador da reação das elites republicanas a uma suposta ameaça representada pelo crescimento considerado desordenado da população urbana, cabe destacar o aumento do efetivo policial. A publicação intitulada *Regulamentos da Policia e Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908* demonstra que ocorreu um aumento acentuado do contingente policial ao longo dos primeiros anos da República. Em 17 anos, de 1889 a 1905, o efetivo de policiais/10.000 habitantes duplicou, passando de 29 policiais por 10.000 hab., em 1889, para 58 policiais por 10.000 hab., em 1905.³

A intenção de controlar o devir, os resultados, apresentada como necessidade, justificou ações políticas excludentes. A previsibilidade, pretensamente científica, ou visão prospectiva, que pode se apresentar como profilaxia social, conferiu uma racionalidade ao preconceito e às arbitrariedades cometidas pela Policia. A repressão ao jogo, no caso específico da cidade do Rio de Janeiro da Primeira República, se inseriu nesse movimento, no qual também merecem destaque a definição de uma nova posição social para o negro, a “regeneração” da cidade e o processo de construção de um tipo de trabalhador urbano.

Com relação ao caráter preventivo da repressão policial aos frontões que exploravam jogos ilícitos no período das reformas, cabe destacar o pensamento do chefe de polícia, Alfredo Pinto, publicado no *Boletim Policial* ao se referir à apelação, movida pelo advogado Carlos Drumond Franklin, com o intuito de rever e anular a proibição da exploração de jogos no Jardim Zoológico:

O Supremo Tribunal em Acc. nº 595 de 24 de dezembro de 1908 pôs termo á celebre exploração dos frontões que a policia coibiu com vigor e tenacidade, amparada pelo poder judiciário.

Naquele julgado ficou firmada a doutrina de que ‘não constitui violência a ação legal preventiva da autoridade policial em relação a certos gêneros de jogo’ (...).

Fundado, portanto, no próprio contrato celebrado entre a Prefeitura e o Acusado, em decisão do poder Judiciário e nas normas de direito decorrentes da ação preventiva da polícia, de acordo com o decreto nº 6.440 de 30 de março de 1907, proibi o funcionamento que o A. projetava explorar no Jardim Zoológico, talvez no intuito de restabelecer nesta cidade um jogo verdadeiramente de azar que a autoridade publica pode felizmente banir com aplausos gerais. (Rio, 1º de setembro de 1908 – Alfredo Pinto Vieira de Mello, Chefe de Polícia)⁴

A prática de jogos é uma expressão da multiplicidade de alternativas de situações futuras. No caso específico de jogos ilícitos, como o jogo do bicho, a ameaça à noção ou à existência de uma ordem linear e mecânica é ainda maior, porque esta prática, seu controle

e exploração escapam ao âmbito do Estado. Assim, a repressão pode ser vista como a manifestação do confronto de diferentes noções, ou vivências de tempo.

As reformas urbanas realizadas de forma autoritária impõem à sociedade uma única possibilidade de futuro, sugerido como o possível, o planejado. A sociedade, por outro lado, vivencia, pelas diversas alternativas que a singularidade humana cria, a possibilidade de seguir outros caminhos rumo a diferentes alternativas de futuro.⁵

A predominância da abordagem das ilicitudes a partir da lógica do tempo cronológico, como um esforço de sistematizar o estudo do crime, está claramente exposta no pensamento de Elycio de Carvalho:

(...) estudando-se a marcha da criminalidade nos principais países europeus, verificou-se que a criminalidade, não somente sofre um movimento ascendente, aumentando cada ano de uma maneira desproporcional com a cifra da população, mas ainda tem sua evolução particular, caracterizada por dois fenômenos que consistem no seguinte: a criminalidade natural vai substituindo as formas primitivamente rudes, musculares, impulsivas da violência, pelas formas modernamente intelectuais, requintadas, civilizadas da astúcia e, depois, paralelamente a esta alteração morfológica, passa do estado agudo e esporádico para o estado crônico e epidêmico.

Tal evolução, cada vez mais intelectual do delito, se verifica nos países de civilização superior.

A medida que um país progride em cultura e civilização, a criminalidade requinta-se, adquirindo aspectos fraudulentos e astuciosos, e isto, naturalmente, porque, segundo uma lei fatal, a luta pela existência se

torna cada vez mais intelectual, as formas anormais desta luta estando sempre intimamente ligadas às suas manifestações normais.

Fácil é estabelecer as causas dessa transformação da criminalidade, afirma Niceforo. ‘O homem criou até aqui duas grandes formas principais de civilização que, em geral, podem ser chamadas: civilização violenta, a antiga, e civilização fraudulenta, a moderna.

Niceforo desenvolve de uma maneira completa esta teoria com suas aplicações à geografia criminal, à evolução do crime e à especialização do crime nas diferentes classes sociais. (Carvalho, 1912, p.11-12)

A ameaça supostamente representada pelo jogo do bicho foi associada às epidemias. Reprimir o jogo do bicho era também combater uma epidemia de imoralidade, ou mais uma manifestação de patologia urbana.

A repressão ao jogo do bicho mereceu, assim, uma especial atenção das autoridades desde os primórdios da República, sendo inscrita em um movimento mais amplo de patologização do crime.⁶ Esta postura, adotada sobretudo pelas autoridades policiais, expressou-se por meio da caracterização do hábito do jogo como um vício, ou como uma doença da alma. A preocupação com a exploração e a prática dos jogos ilícitos devia-se à possibilidade de terem resultados sociais imprevisíveis.

Um elemento marcante do aumento do número de casas e pontos de jogos, nos primeiros anos da República, entretanto, foi o fato de o jogo do bicho ter sido abordado com um vocabulário próprio da área de saúde. Publicavam-se na imprensa críticas em que o jogo era apresentado como um mal que se “disseminava” ou uma “endemia”, numa clara iniciativa de patologizar o jogo.

A iniciativa de patologizar a prática do jogo representava reação a uma suposta ameaça à sociedade, em particular à sociedade civilizada, pois o jogo ilícito, fora de controle, estaria atingindo o corpo social, suas conquistas e expectativas. O jogo ilícito era apresentado como patologia porque, diferentemente dos jogos oficiais, era considerado uma atividade de difícil acompanhamento, além de promover desperdício de recursos.

A patologização do jogo, em especial o do bicho, fez também parte do discurso dos representantes das atividades comerciais. Merece destaque o Ofício da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro ao Chefe de Polícia:

Secretaria, 28 de novembro de 1900

Exm^o

Os aplausos da Gazeta de Notícias de hoje ao altivo e justo proceder de V. Ex^a na atitude de que assumiu na questão dos boliches e a sentença do Conselho Supremo da Corte de Apelação, traduzem perfeitamente o modo de sentir desta Associação, e remuneram V. Ex^a do árduo trabalho com que se propõe a exterminar o mais nocivo dos cancros que hoje corroem a sociedade .

Todas as fases Exm^o Sr. por que passam a vida d'um povo, obedecem sempre a fatores, muitas vezes desconhecidos, que lhe determinam o progresso ou o aniquilamento; porem na decadência da nossa população há uma só causa que lhe atrofia a atividade, roubando-lhe a virilidade do animo para a luta da existência - é o jogo!

As artimanhas que existem entre a lei e o fisco, Exm^o Sr, não podem roubar a autoridade o direito d'ação, e tanto isto é assim, que V.Ex^a desdenhando d'umas sutilezas de ocasião, sabia e prudentemente destruiu perniciosos princípios com que o vício queria destronar a verdade.

Agora, Exmº Sr., é necessário, é urgente, em nome da família, em nome da sociedade, em nome da civilização, em nome da moral, em nome de Deus, acabar com o jogo do bicho e para isto sobram a V Exª energia, hombridade e honradez para o conseguir.”

A guerra ao jogo, seja ele qual for, não deverá nunca expressar de V Exª clemência e atestam a minha convicção os atos já consumados e os que V Exª ainda praticará, uns abonam os outros.

Queira V. Ex.ª aceitar todos os aplausos que lhe são devidos e subscrevo-me

*[De] V Exª [?] e agradecido [Exm.] Dr Enéas Galvão [] Secretário
M D Chefe de Polícia do Distrito Federal.⁷*

A patologização do jogo também atingiria o imaginário popular devido à vivência das epidemias. A expansão do jogo, ao ser comparada a uma epidemia, chamaria a atenção da sociedade para a necessidade de medidas emergenciais, que indicavam a ameaça de perda do controle por parte das autoridades. No período de 1850 a 1912, foram registrados, na zona urbana do Rio de Janeiro, 59.074 óbitos por febre amarela; 37.082 por varíola; 40.981 por paludismo e 117.385 por tuberculose. Mais especificamente, de 1890 a 1912, foram registrados 23.517 mortes causadas por febre amarela; 22.769 por varíola; 22.817 por paludismo; e 56.752 por tuberculose. Portanto, mais da metade dos óbitos ocorreram no período em que jogos clandestinos como o jogo do bicho estavam surgindo e se expandindo pela cidade. (Benchimol, 1999, p.430)⁸ Comparar o jogo do bicho a uma patologia é uma forma de tentar tornar socialmente mais aceitável a repressão ao jogo. A patologização do jogo tendia a criar uma imagem ameaçadora, aos moldes da vivência das epidemias pelos habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

A prática do jogo do bicho e as possibilidades que esta atividade encerrava, inclusive com a criação de uma geopolítica do jogo do bicho, são consideradas antagônicas à existência de uma cidade civilizada, ao Rio de Janeiro das reformas de Pereira Passos. Este antagonismo entre duas cidades era visível desde os primeiros anos da República, como fica claro no seguinte trecho:

Em lugar de comprar bichos e se viciar nesse maldito jogo e deixar seus filhos na miséria, venha comprar um terreno a dois minutos da Estação de Piedade.⁹

O aumento do preço dos imóveis, que consagrou o mercado imobiliário como um dos três maiores setores especulativos da Primeira República, acompanhado da especulação cambial e do mercado de capitais, devia-se basicamente a dois fatores. Por um lado, o aumento populacional da ordem de 2,84% ao ano e uma taxa de crescimento das construções de 3,4%. Por outro, um aumento de apenas 1% nas construções domiciliares.¹ Dessa forma, mesmo que tenha ocorrido um aumento da construção civil, grande parte desta destinava-se a imóveis comerciais, industriais e de prestação de serviços.

Esses dados referem-se ao período compreendido entre 1890 a 1906, conhecido pelos pesquisadores como de consolidação da crise imobiliária. No período anterior, de 1870 a 1890, apesar de verificar-se um aumento do número de habitantes da cidade, ele se fez acompanhar pelo fluxo populacional em direção aos arrabaldes da cidade e por um

aumento da oferta de moradias sob a forma de casas-de-cômodo, cortiços e estalagens no centro. (Ribeiro, 1997)

As transformações ocorridas no Rio, inclusive com a reforma Pereira Passos, tiveram influência na difusão do jogo, como indicam os dados do recenseamento policial realizado pelo chefe de polícia, Manoel Edwiges Queirós de Vieira, em 1913. As práticas de jogo mais tradicionais, como a Roda dos Bichos, eram recorrentes em armazéns, padarias, botequins e restaurantes nos subúrbios, e a exploração do jogo do bicho em casas de jogos, cassinos e agências lotéricas se estabelecia com maior frequência nas áreas centrais da cidade.¹⁰

A expansão urbana e a especulação imobiliária, da qual um dos criadores do jogo do bicho, o Barão de Drummond, também fez parte com a sua Companhia Arquitetônica, foram acompanhadas da expansão do jogo e das alterações no desenho de sua geopolítica.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Waldyr de. *O submundo do jogo de azar, prostituição e vadiagem*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.
- ANÔNIMO. *Arte de furtar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978 [séc.XVII].
- ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. Anti-semitismo, instrumento de poder. Rio de Janeiro: 1979.
- _____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pausteriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas: povo e polícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- _____. *Ordem na cidade: o exército cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro (1907-1993)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BRISTOW, Edward, J. *Vice and vigilance. Purity movements in Britain since 1700*. Dublin: Gill and Macmillan Rowman/Littlefield, 1977.
- CAILLOIS, Roger. *Los juegos e los hombres*. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência. A polícia na era Vargas*. Brasília: Editora da UNB, 1994.

_____. *A cultura do crime e da lei (1889-1930)*. Brasília: Editora UNB, 2001.

CARVALHO, Elysio de. *Estatística criminal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1912.

CARVALHO, José Murilo de. Repúblicas e cidadanias. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, n.2. Rio de Janeiro: 1985, v.28, p.143 a 161.

_____. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAVALCANTE, Eugênio Currino. *Os bicheiros*. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores na belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEVALIER, L. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Hachette, 1984.

CORREIA, Arsênio E. *A ingerência militar na República e o positivismo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. *Águias, burros e borboletas. Um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Crime e cotidiano. A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir. A história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

FREITAS, Renan Springer de. Prostitutas, cafetinas e policiais: A dialética das ordens opostas. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, n.2. Rio de Janeiro, 1984, v.27, p.199 a 214.

_____. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GABINETE de Identificação e Estatística. *Estatística policial e criminal de 1910*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.

_____. *Boletim Policial*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, maio de 1907 a set. de 1915.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

_____. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social - 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campos, 1979

- GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel*. A política e o Estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de sorte*. O futebol e o jogo do bicho na *belle époque* carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- HOBBSAWM, E. J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.
- _____. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Capitão Swing*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- HUGGINS, Martha Knisely. *From slavery to vagrancy in Brazil. Crime and social control in the third world*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- HUSSERL, Edmund. *La crise de l'humanité européenne et la philosophie*. Paris: Aubier Montaigne, 1987.
- INTERNATIONAL LABOUR OFFICE. *The urban informal sector in developing countries*. Genebra: S.V. Sethuraman, 1982.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem*. A origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.
- LOPES, Antônio Herculano (Org.) *Entre Europa e África*. A invenção do carioca. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Topbooks, 2000.
- LYOTARD, Jean-François. *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MANDEL, Ernest. *Delícias do crime*. São Paulo: Busca e Vida, 1988.
- MURALT, André. *A metafísica do fenômeno*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- NANETTE, J. Davis & Bo Anderson. *Social control: the production of deviance in the modern state*. New York: Irvington, 1983.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEDER, Gizlene & NARO, Nancy P. A instituição policial na cidade do Rio de Janeiro e a construção da ordem burguesa no Brasil. A polícia na corte e no Distrito Federal: 1831-1930. *Série Estudos*, n.3. Rio de Janeiro: PUC, 1981, p.229-307.
- PACHECO, Renato José Costa. *Antologia do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1957.
- PARAGUASSÚ, Camillo. *Memória sobre o jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL. *Processo das contravenções de jogo*. (Instruções práticas organizadas da administração do Dr. Aurelino Leal). Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917.
- REZENDE, Astolpho. *Relatórios Policiais*. 1907/1910. Rio de Janeiro: Casa Vallelle, 1925.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

RICOEUR, Paul. *O discurso da ação*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Em torno ao político*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

_____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SCHMITT, Jean Claude. L'histoire des marginaux. In: LE GOFF, J. (Org.) *La nouvelle histoire*. Paris: Retz/CEPL, 1978.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIDAL, Armando. *O jogo, a administração e a Justiça*. Rio de Janeiro: Typ. dos "Annaes", 1917.

VILAR, Pierre. *Desenvolvimento econômico e análise histórica*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. *Economia, derecho, história*. Barcelona: Ariel, 1983.

WIARDA, Howard J. Por uma abordagem não etnocêntrica do desenvolvimento. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, n.2. Rio de Janeiro, 1982. v.2, p.229-251.

ZILLES, Urbano. Os conceitos Husserlianos de 'Lebenswelt' e teleologia. In: SOUZA, Ricardo Timm de & OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. (Orgs.) *Fenomenologia hoje. Trabalhos apresentados no Simpósio Internacional de Fenomenologia e Hermenêutica*, PUC-RS, 1999. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2001.

Abstract – *The reforms implemented by Pereira Passos expressed the clash between the imposition of a single project and the performance of a variety of agents modeling the urban space, such as the “bicho” game and its correspondent spatial and geopolitical diffusion. The single project of the republican elite was based on the search for the consolidation of a progressive, European identity for the city of Rio de Janeiro, which would then be considered as a space of order and chronological time. Therefore, identity and temporality establish and maintain a relationship that transcends the physical approach of the urban-landscaped reform projects.*

Keywords: Pereira Passos; Rio de Janeiro; *urban reform*; “bicho” game; *social control*.

Resumen – *Las reformas realizadas por Pereira Passos expresaron el conflicto entre la imposición de un proyecto único y la actuación de una multiplicidad de agentes modeladores del espacio urbano que incluía el jogo do bicho [lotería popular que combina nombres de animales y números, originaria de Rio de Janeiro], su difusión espacial y geopolítica. El proyecto único de la élite republicana se fundaba en la búsqueda de consolidación de una identidad europea y progresista para la ciudad de Rio de Janeiro, que pasaría a ser el espacio del orden y el tiempo cronológico. Por lo tanto, identidad y temporalidad establecen y sostienen una relación que trasciende el planteo del aspecto físico de las reformas urbanas y paisajísticas.*

Palabras-clave: Pereira Passos; Rio de Janeiro; *reforma urbana*; *jogo do bicho* [lotería popular]; *control social*.

Notas

¹ “El ejército, que es facilmente moralizador y en el cual sigue viva la influencia de Augusto Comte y del positivismo ve al bicho con malos ojos.” (Callois, 1995, p.255)

² Esta abordagem de Husserl provavelmente foi influenciada pela obra “Cidade de Deus contra os pagãos” de Santo Agostinho. Para Husserl, o mundo da vida (...) “é o mundo histórico-cultural concreto, sedimentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores, entre os quais se encontra a imagem do mundo elaborada pelas ciências. (...) Mundo da vida, no sentido experimentado pelo homem, significa uma realidade rica, polivalente e complexa, que o próprio homem constrói. Mas ao mesmo tempo o homem é constituído pelo *Lebenswelt*: história, linguagem, cultura, valores: (...) A experiência, sem dúvida, é um ato da consciência. (...) Por isso, de modo algum a experiência pode ser reduzida ao mundo das ciências físico-objetivas. (...) toda experiência encontra-se condicionada e determinada por um horizonte pré-dado, sempre aberto. O sujeito e o objeto encontram-se englobados pelo mundo histórico-cultural: o mundo da vida (...) O homem exerce sua função de criar fatos culturais no mundo da vida. (...) cada experiência, cada dado ou cada palavra se encontra num nexos global de sentido proveniente da intencionalidade subjetiva”. (Husserl, 1987, p.5) As ciências apresentam uma visão do mundo na qual predomina o objetivismo, a quantificação, a formalização, a tecnificação etc. O mundo da vida, pelo contrário, apresenta-se como um mundo de experiências subjetivas imediatas, dotado em si mesmo de sentido e finalidade. Entre ambos, entre o mundo da ciência e o mundo da vida, instaura-se um processo dialético de maior ou menor distanciamento: “O mundo expresso no modelo científico (...) é um mundo mutilado ou parcial. É um empobrecimento da realidade rica do mundo da vida, do qual não deixa de ser um ato derivado. O sentido da ciência legitima-se, em última instância, no mundo da vida. (...) o mundo da vida tem um índice temporal ou histórico, pois representa a dimensão interior do sujeito e da História”. (Zilles, 2001, p.509- 519).

³ *Regulamentos da Polícia e Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908*. É frequente a relação entre a noção de civilização e policiamento. Ver: Starobinski, 2001. O autor associa fonética e semanticamente *civilização* à *pólis*, *polir* e *policar*. Assim, a civilização vem acompanhada de instrumentos de policiamento. A *pólis* é o ambiente de pessoas civilizadas, polidas, policiadas. Embora etimologicamente

os sentidos sejam diferentes, há uma apropriação que sugere um assemelhamento desde a sua utilização pelos escritores e intelectuais franceses dos séculos XVII e XVIII.

⁴ Polícia do Distrito Federal. *Boletim Policial*. Ano II, nº 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909, p.245-246.

⁵ No que se refere à multiplicidade de trajetórias que nos sugere o tempo Kayrós para o “mundo da vida” em oposição à trajetória única cronológica do “mundo da ciência”, é importante considerar o pensamento de Paul Ricoeur sobre a singularidade e que se assemelha à visão de Hannah Arendt quando ela se refere à pluralidade de experiências singulares do ser humano. Assim, segundo Ricoeur: “Poderíamos dizer que cada grupo histórico tem uma idéia concreta de sua própria existência, que representa a forma finita de sua escolha de existência; neste sentido, cada grupo histórico tem um *ethos*, uma singularidade ética (...) Em parte alguma podemos descobrir um *ethos* universal (...) reconhecemos o caráter fragmentário da experiência do poder; aprofundando-nos na experiência ética, alcançamos o que se poderia chamar de ‘experiência da finitude histórica’, pois a humanidade ligou seu destino a uma diversidade de línguas, de experiências morais, de espiritualidades e de religiões. A humanidade aqui é irredutivelmente plural.” (Ricoeur, 1995, p.152.) A criatividade, a pluralidade, a diversidade que marca o “mundo da vida” estão presentes nas Sociedades de Jogos que mostram a relação dialética entre o “mundo da vida” e o mundo da ordem entendido como “mundo da ciência”. Natalie Zemon Davis destacou a existência das Sociedades de Jogos, também chamadas sociedades alegres, que se autodenominavam “As Abadias do desgoverno”. (1990, p.88-91)

⁶ Sobre o estudo da patologização do crime na abordagem dos movimentos sociais na Paris do século XIX, devemos destacar como obra de referência: Chevalier (1984). A importância desse tema para a compreensão da história da violência no Brasil foi enfatizada nas obras de Elizabeth Cancelli (1993, 1994, 1995 e 2001). com destaque para *A cultura do crime e da lei: 1889-1930* (2001).

⁷ Ofício da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro apoiando o combate ao Jogo. Arquivo Nacional GIFI Cx 6 C47.

⁸ Os dados utilizados para a montagem das tabelas de onde foram extraídos estes números têm como fonte: Torres (1913 p.25); Barbosa e Rezende (1909. vol 1. p. 487-8)

⁹ Anúncio publicado no *Jornal do Commercio*, 20/7/1896, p.7. Extraído de: Araújo, 1976, p.68.

¹⁰ Arquivo Nacional. *Recenseamento policial*. Cx 10. GIFI. 5F 415.